

## O USO DA TECNOLOGIA EM SALA DE AULA E A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS

Ana Lúcia Fernandes Soares Teixeira (1); Simone Araújo da Silva Salvino (2); Denise Cristina Ferreira (3)

*Faculdades Integradas de Patos e Professora da rede Municipal de Campina Grande, e-mail: anaprof13@hotmail.com(1);*

*Universidade Federal de Campina Grande e Professora da rede Municipal de Campina Grande, e-mail: simoneass-@hotmail.com (2);*

*Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande e professora da União de Ensino Superior de Campina Grande, e-mail: denisecristina20\_cg@hotmail.com (3)*

### Resumo

O presente trabalho é fruto de uma experiência realizada com duas crianças surdas na turma do 2º ano do Ensino Fundamental no Município de Campina Grande no ano de 2017. O mesmo tem como objetivo, mostrar um pouco do processo de inclusão de alunas surdas na sala de aula regular, com o auxílio das tecnologias assistivas, possibilitando uma melhor interação e aprimoramento da aquisição da Língua Brasileira de Sinais entre os alunos ouvintes e surdas. A pesquisa norteou-se por uma abordagem de cunho qualitativo e adotou, como procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica, o estudo de caso e a observação participante. Como subsídios teóricos foram utilizados estudos de Aranha (2002), Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), entre outros. As informações obtidas mostraram que a utilização e a construção das tecnologias assistivas, propiciaram aos alunos, surdos e ouvintes, uma forma de interação, um melhor desempenho no processo de aprendizagem da Libras e aprimorou a inclusão das surdas na sala de aula regular.

**Palavras-chave:** Inclusão, Tecnologia Assistiva, Língua Brasileira de Sinais.

### Introdução

Para a construção de uma sociedade inclusiva e participativa, é de fundamental importância, proporcionar oportunidades a todos os cidadãos com a garantia de desenvolvimentos de políticas públicas eficazes e com a garantia da execução das leis que visam a garantia da inclusão a todos os indivíduos no sistema educacional, favorecendo as competências e habilidades dos mesmos, em que se faz necessário o uso de metodologias que possibilitem a aprendizagem. Segundo a Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e o Plano Nacional de Educação (PNE), a escola necessita organizar um conjunto de ações e recursos necessários que garantam o acesso e permanência de todos os alunos, promovendo um ensino que respeite as especificidades de aprendizagem de cada um.

Ao relatar sobre procedimentos adotados para a efetivação para Educação Inclusiva, Aranha (2002, p.5), acrescenta que,

As adaptações curriculares, então são os ajustes e modificações que devem ser promovidos nas diferentes estâncias curriculares para responder as necessidades de cada aluno, e assim favorecer as condições que lhes são necessários para que se efetive o máximo possível de aprendizagem (ARANHA, 2002, p. 05).

Assim sendo, o currículo necessita favorecer a aprendizagem dos alunos. Atualmente, é crescente o avanço da tecnologia no sistema educacional brasileiro, que vem contribuindo para aquisição do saber, principalmente das pessoas que apresentam alguma deficiência. Para o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva e participativa é essencial que todos os cidadãos tenham as oportunidades de desenvolvimento das competências necessárias de acordo com as habilidades de cada indivíduo. Para assegurar esse direito ao acesso e permanência dos alunos nas escolas, existem Leis e diretrizes que lhes garantem esse direito, dentre elas: as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação básica, no artigo I determina que, “os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos” (BRASIL, 2001).

Pensando nessas adequações para contemplar o processo de inclusão de alunos especiais na escola e/ou na sala regular, especificamente, de duas crianças surdas, foi desenvolvido um trabalho em uma turma do 2º ano, de uma escola municipal de Campina Grande, que buscou facilitar o processo de aquisição da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), não só das surdas, mas também, dos alunos ouvintes da sala regular, por meio das Tecnologias Assistivas (TA). Termo novo, utilizado para identificar todo o material de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência como Cook e Hussey, definem a TA citando o conceito do ADA – American with Disabilities Act, como “uma ampla gama de equipamentos, serviços, estratégias e práticas concebidas e aplicadas para minorar os problemas funcionais encontrados pelos indivíduos com deficiências” (COOK & HUSSEY, 1995).

Pensando em facilitar a permanência das alunas surdas na sala regular, a escola buscou auxílio nas Tecnologias assistivas que já continham na escola e com adaptações realizadas pela equipe escolar. Apresentaremos mais detalhes no decorrer do trabalho.

## **Metodologia**

Para a realização deste trabalho traçamos primeiramente, uma análise da literatura especializada sobre a temática utilizamos livros e artigos científicos, assim como o auxílio de diário de campo e análise do cotidiano dos alunos durante seis meses. Portanto, este estudo trata de um relato de experiência com alunos do Ensino Fundamental I do turno vespertino. A escolha pela escola se fez mediante a vivência e a experiência dos autores do artigo, no que concerne ao trabalho com alunos surdos. O público alvo tinha uma faixa etária entre sete e nove anos de idade, com crianças surdas e ouvintes do 2º ano, com 28 alunos matriculados e frequentes. A pesquisa passou por quatro momentos: A revisão da literatura, a construção, a adaptação a aplicação das tecnologias assistivas, o que culminou em matérias para exposição na Mostra Pedagógica da escola, que teve como tema: Inclusão, essa é a nossa releção.

## **Resultados e Discussões**

Quando nos referimos aos surdos é importante situa-los dentro do contexto histórico social, cultural, educacional, político e econômico. Sabendo que por muito tempo os surdos foram considerados como “incapazes”, “deficientes” e sem “utilidade social”. Conforme, Dias (2006) até meados do século XVI os surdos eram vistos como ineducáveis e sem utilidade para a sociedade. E enfrentavam inúmeras barreiras como o preconceito e ora sendo tratado com preconceito, ou ora com piedade e até mesmo descrédito chegando a serem estigmatizados como loucos.

Diante do contexto social e histórico podemos evidenciar a experiência e a contribuição do médico pesquisador italiano Gerolano Cardano (1501-1576), que concluiu a surdez como algo que não prejudicava o aprendizado, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar suas vontades (JANNUZZI, 2004). A partir disto começou-se a pensar no surdo e refletir sobre tal assunto, observando-o e constatando que eles

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

se comunicavam por meio de gestos e mímicas. E a partir de tal observação os gestos foram sendo aperfeiçoados e se previa que educadores deveriam aprender os sinais dos surdos, com o objetivo de ensinar para a sociedade de modo geral (LACERDA, 1998). Foi neste período e a partir de tal necessidade que vimos surgir a língua de sinais como meio de favorecer o ensino da língua falada.

A sociedade atual vem aos poucos se inserindo numa discussão acerca da importância da inclusão social, do estudo das diferenças e entre outros. Os centros de educação também têm ampliado o debate acerca da inclusão social. Já são discutidos entre os alunos das mais diversas áreas a importância sobre o tema e sobre a discussão das diferenças na sociedade.

A diversidade na sociedade é um tema que deve ser pensado e debatido nas diversas áreas e principalmente na educação na intenção de formar indivíduos capacitados e preparados para uma prática humanizada. Segundo Mynaio (2003) a presença das ciências sociais e humanas (antropologia, sociologia, economia, política, história, filosofia, ética, estética) foram fundamentais para a compreensão da vida social, do trabalho e até mesmo para repensar as diferenças na sociedade.

Diante disto, o trabalho na sala do 2º ano foi pensado de maneira que viesse a facilitar o processo de inclusão dos alunos no processo de aprendizagem das Libras e conseqüentemente na mediação entre todos da sala da aula, surdos e ouvintes.

No primeiro momento, foram realizadas oficinas de libras para toda a turma com intuito de promover a interação entre todos. Essas oficinas aconteciam com exposições de cartazes, vídeos em libras, auxílio da aluna surda na demonstração das sinalizações. No decorrer das oficinas, foi percebido que os alunos ouvintes buscavam aumentar seu vocabulário das libras, dessa forma a professora da sala regular, juntamente com a cuidadora (mediadora em libras) e a professora da sala de recursos, pensaram em usar e adaptar alguns jogos e brincadeiras para facilitar para todos os discentes essa aquisição do vocabulário da libras. Dando início ao segundo momento, que promoveu novas oficinas, as quais foram aplicados jogos em libras e construção das adaptações de novos jogos para aplicação na sala entre surdos e ouvintes.

Veremos registros desses momentos nas fotos abaixo com jogos feitos e utilizados durante as oficinas:

O jogo de montagem e a amarelinha foram construídos de forma a auxiliar os alunos a conhecer os numerais em Libras, assimilar com a quantidade e o numeral na língua portuguesa, trabalhar a sequência numérica, ordem crescente e decrescente, como mostram as figuras abaixo:

Fotografia 1- (Jogo para montar)



Fonte: (Autoria Própria, 2017).

Fotografia 2- (Amarelinha)



Fonte: (Autoria Própria, 2017)

Após a construção coletiva, foram feitas a aplicação dos jogos entre as crianças surdas e ouvintes com o auxílio da professora da sala regular e da cuidadora, com intenção de perceber se as tecnologias assistivas iriam surtir o efeito que buscávamos.



Fonte: (autoria própria 2017)



Fonte: (autoria própria 2017)

No final da nossa pesquisa, concluímos que as tecnologias assistivas usadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos na sala regular, proporcionaram uma melhor interação entre os alunos surdos e ouvintes, pois ambos se mostraram mais confiantes em interagir entre elas, visto que, os jogos, as brincadeiras e as oficinas, foram aplicadas com as duas tanto com os alunos ouvinte como com as alunas surdas. As alunas surdas, demonstraram um maior desenvolvimento na habilidade com as mãos na utilização da libras e também atribuíram um significado nessa utilização, pois antes não gostavam de sinalizar porque sentiam vergonha, segundo depoimento delas. Com as oficinas feitas em sala com todos os alunos, esse sentimento foi sendo modificado, já que, os ouvintes da sala também começaram a usar a linguagem de sinais para uma melhor comunicação com as surda, o que acarretou na naturalização do uso da libras na sala de aula.

Ainda referente às alunas surdas, demonstraram maior autonomia na realização de suas atividades diárias, tanto em relação à comunicação, como em relação à realização de suas atividades pedagógicas solicitadas em sala.

Contudo, podemos afirmar que o uso das Tecnologias Assistivas são indispensáveis para a mediação dos alunos com necessidades especiais no processo de ensino e aprendizagem.

### **Considerações finais**

A TA se tornou um meio eficaz de ajuda e suporte para pessoas com necessidades especiais, seja na escola ou na sociedade, ela sempre estará presente e desempenhando seu papel. E um ponto que consideramos muito importante, é que essas tecnologias, muitas vezes, podem ser construídas com materiais acessíveis a maioria das pessoas. E ainda, muitas escolas dispõem de TA para o auxílio aos alunos que necessitam.

É indiscutível que sempre teremos que estar adaptando esses materiais de acordo com as necessidades que surgem, buscando meios para essas adequações, que não é fácil preparar, construir, aplicar, buscar, mas é gratificante disponibilizar meios para que nossas crianças se sintam capazes, assim como qualquer outra pessoa,

Enfim, o processo não foi fácil, mas com o apoio e o interesse de todos, foi possível e eficaz, o que nos mostra que a inclusão é possível quando a “escola” exerce sua função e proporciona a todos o direito ao conhecimento reconhecendo limites, competências e habilidades.

### **Agradecimentos**

Gostaríamos de agradecer a toda equipe da escola que se empenharam a ajudar nesse projeto; a gestão, que nos permitiu trabalhar de forma que saiu um pouco da rotina dos alunos e por também ajudar no que diz respeito, a disponibilidade de materiais para a realização da construções das tecnologias assistivas; a professora da sala regular, que permitiu que esse trabalho fosse realizado na sua sala de aula e aos alunos, que foram os principais agentes nessas construções e que nos proporcionaram uma troca de saberes que levaremos durante toda nossa jornada enquanto profissional.

## Referências

ARANHA, M.S.F. **Formando Educadores para a Escola Inclusiva**. 2002. Disponível em: [www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/feei/teimp.htm](http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/feei/teimp.htm). Acesso em 20 de junho 2018.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988: atualizada até a emenda Constitucional número 20, de 15 de dezembro de 1988. São Paulo: Saraiva, 1999.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://WWW.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://WWW.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em: 16 de junho. de 2014.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DIAS, V. L. L. **Rompendo a barreira do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental**. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º Ed. São Paulo: atlas, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 15. ed. Paz e terra; Rio de Janeiro, 1988.

JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004,243p.

LACERDA, C.B.F.de. A prática fonoaudiológica frente às diferentes concepções de

linguagem. **Revista Espaço, Instituto de Educação de Surdo**, v.10, p.30-40, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Contribuições da Antropologia para pensar a saúde. IN: **Tratado de Saúde coletiva**. Org. CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; ARKEMAN, Marco; et. al. Editora: Huncitec, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **“Vai ter música?”: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo**. **Ponto Urbe** São Paulo, Vol. 01. Julho de 2007. Disponível em: <https://pontourbe.revues.org/1239>. Acesso em: 12/08/2016.